

PASCHOAL NETO. Nossas áreas de lazer agonizam e a cidade nada faz por elas.
Correio Popular, Campinas, 29 abr. 1984.

Nossas áreas de lazer agonizam e a cidade nada faz por elas

Texto: Paschoal Neto

Campinas está assistindo, impassível, a destruição de suas praças e principais áreas de lazer. Ato de vandalismo, de todos os tipos, ocorrem diariamente nas praças centrais e periféricas da cidade, nas grandes áreas verdes como o Bosque dos Jequitibás, o Parque Portugal (Taquaral) e até mesmo em importantes vias de tráfego como a Suleste.

A destruição é geral. Bancos, sanitários, luminárias, playground, floreiras, quiosques, nada escapa das ações predatórias. Só no ano passado, este vandalismo custou à população mais de Cr\$ 220 milhões, montante que a Prefeitura, através do Departamento de Parques e Jardins, empregou na tentativa de conservação das praças públicas.

Os reflexos decorrentes desta situação são sentidos diariamente pelos usuários destas áreas de lazer, principalmente as crianças, que estão vendo ser destruídos os brinquedos dos parques, para muitos, a única forma de recreação e divertimento.

O vandalismo chega a requintes de perversidade que o engenheiro Luís Henrique, chefe dos serviços de manutenção do Departamento de Parques e Jardins, apesar dos anos de experiência, fica assustado em alguns momentos, com o instinto de destruição que move os autores de tais atos.

E o que está quebrado dificilmente será consertado nos próximos meses. Desde o começo do ano não existe mais verbas e nem materiais para que os quase 100 homens que trabalham sob o comando do engenheiro possam realizar a manutenção das praças e das áreas de lazer.

Destruição geral

No relatório elaborado pelo Departamento de Parques e Jardins, a destruição dos brinquedos representa uma das principais parcelas no cômputo final de gastos. Balanços, gangorras, escor-

regadores e gira-giras são os mais visados.

Ferros-velhos constituem quase sempre o destino do material roubado nos parques e praças. Mas o que surpreende mesmo o engenheiro Luís Henrique é a destruição pelo simples "prazer" de quebrar.

Como melhor exemplo cita os casos das gangorras, que desde o seu tempo de criança eram feitas com uma madeira torneada nas pontas onde eram pregados os assentos. Hoje, os carpinteiros do seu setor estão usando uma tora de madeira mais resistente, tentando evitar assim que se quebre quando "dois marmajos ficam em cima pulando".

No caso dos balanços, as correntes são arrancadas, o mesmo acontecendo com qualquer outro brinquedo que possua partes de ferro. Os bebedouros estão cada vez mais raros. Além de roubo de torneiras, o vandalismo é responsável pela destruição de sanitários e por vezes, pelo roubo de pias inteiras, com encanamento e tudo.

Os materiais elétricos constituem outra "atração" especial. Incluindo o roubo e destruição de lâmpadas, de luminárias, de reatores e de alguns quilômetros de fios, os custos de substituição e manutenção destes materiais totalizaram no ano passado Cr\$ 50.400 milhões.

Quem passa pela Via Suleste diariamente já se acostumou com a escuridão de uma das principais vias de tráfego da cidade. Certamente já deve ter criticado a falta de manutenção, comenta o engenheiro, "mas as pessoas desconhecem que até as caixas de ferro onde ficam instalados os reatores para as luminárias são roubadas, juntamente os fios e fusíveis".

Para completar "o serviço", como as lâmpadas estão colocadas muito no alto, os responsáveis pela destruição jogam pedras ou mesmo atiram até

quebrá-las. Segundo alguns dados da Companhia Paulista de Força e Luz, cerca de 300 lâmpadas são quebradas por dia.

Centro de Convivência

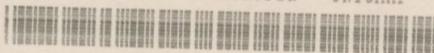
Luís Henrique, cita alguns exemplos de vandalismo tipicamente com objetivo de destruição simples, sem que haja interesses econômicos para serem feitos. O melhor exemplo de todos são os bancos de concreto. Apesar do peso, muitos deles são constantemente arrancados dos suportes e jogados no chão.

O engenheiro comenta que na avenida Heitor Penteado, nas segundas-feiras, a maioria dos bancos está no chão, jogados pelos que durante os fins de semana "acham divertido ficar fazendo isso". Destruição semelhante ocorre com as floreiras das praças, que são derrubadas por grupos, já que "um homem sozinho não consegue virá-las".

Uma das praças mais centrais da cidade, o Centro de Convivência, é considerada pelos técnicos do setor de manutenção do Departamento de Parques e Jardins como uma área onde não adianta mais se fazer qualquer tipo de manutenção e consertos.

"Qualquer conserto lá não dura mais de um dia", comenta Luís Henrique afirmando que "no caso da iluminação da praça do Teatro de Arena, basta colocar uma lâmpada para que ela seja destruída poucas horas depois. Isso porque, a praça é freqüentada por pessoas que têm interesse no escuro".

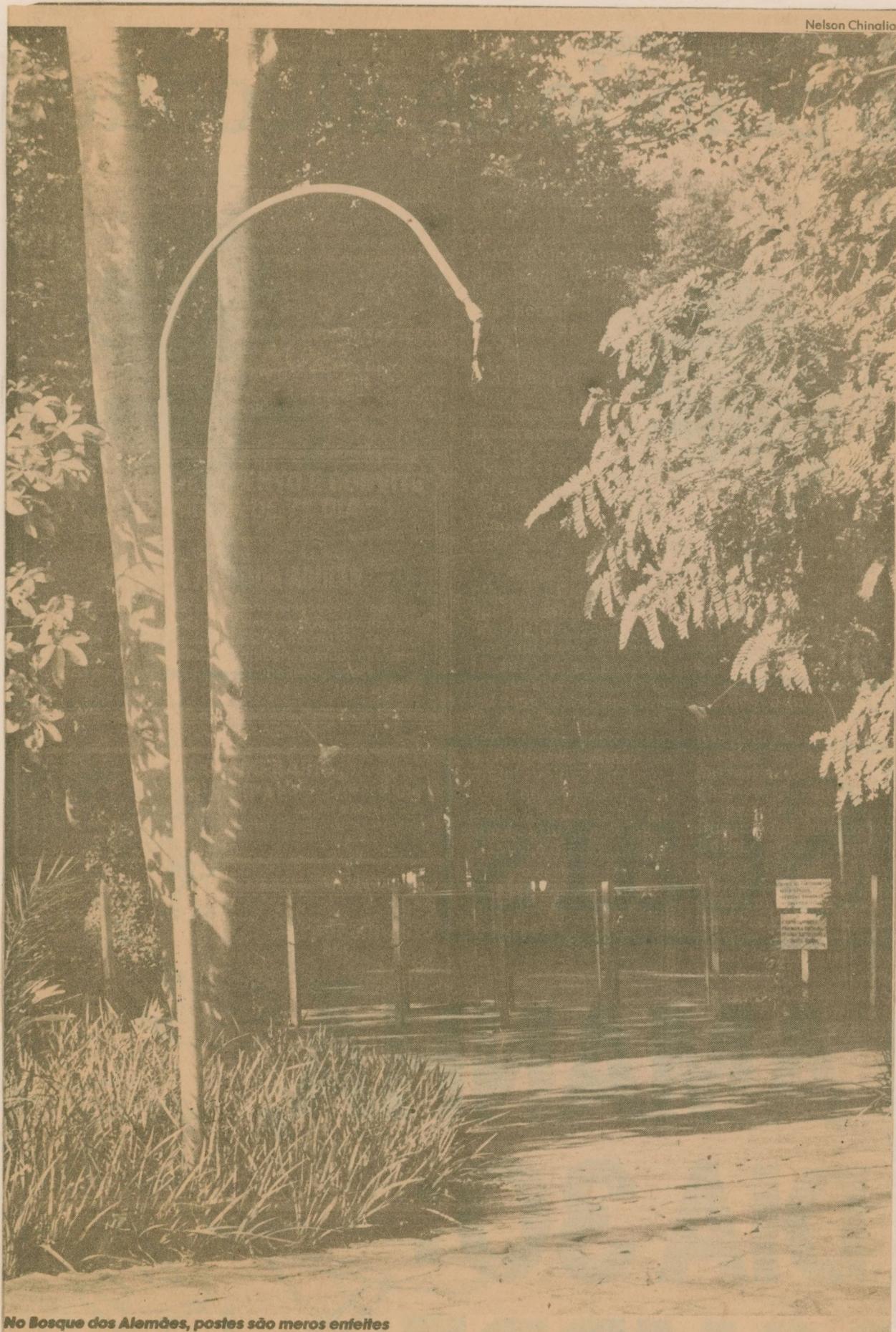
O engenheiro vai comentando ainda sobre outras destruições que ele considera "incompreensíveis" como o ateamento de fogo nos quiosques de sapé do Parque Taquaral e a agressão contra a vegetação nos bosques. Diante deste quadro é que Luís Henrique fica se perguntando até quando Campinas vai poder contar com as áreas verdes, que a destacaram no cenário de modelos de urbanização no País.



777 8254

PASQUALE NETO. Hoenas áreas de lazer agonizam e a cidade nada faz por elas.
Gostaria de falar, Campinas, 29 abr. 1984.

Nelson Chinalio



No Bosque dos Alemães, postes são meros enfeites

Arquivo de Destino